

A tragédia no jornalismo: uma análise das escaladas do Jornal Nacional sobre o Brumadinho(MG), Suzano(SP) e o incêndio no CT do Flamengo.¹

Thamara Machado Pinto²

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo:

Este artigo propõe a análise do discurso das escaladas do Jornal Nacional a respeito de três eventos trágicos que comoveram a opinião pública brasileira nos primeiros três meses de 2019, são eles: o rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro na cidade de Brumadinho (MG); o incêndio no centro de treinamento do clube de futebol Flamengo no Rio de Janeiro; o ataque de atiradores a escola Professor Raul Brasil em Suzano (SP). A partir do conceito estético e artístico do termo tragédia, presente na obra “Poética” de Aristóteles, pretende-se também examinar a abordagem do trágico no jornalismo contemporâneo e o seu uso como maneira de exploração midiática e comercial, por meio dos critérios jornalísticos de valor notícia e noticiabilidade.

Palavras-chave: tragédia; jornalismo; telejornalismo; valor-notícia; noticiabilidade.

Introdução

Três meses, três tragédias e centenas de mortos. Assim foi o início do ano de 2019 no Brasil em que milhares de pessoas assistiram e leram a uma sucessão de eventos trágicos pela televisão e jornais. A sequência de mortes evitáveis foi tamanha, que enquanto o público digería um acontecimento logo era atropelado por fatos de outro.

A onda trágica começou por Brumadinho(MG) no rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro da mineradora Vale, deixando mais de 200 mortos. Em seguida, um incêndio no Centro de Treinamento do clube flamengo tirou a vida de 10 jovens jogadores. E por último, um ataque de atiradores a escola Professor Raul Brasil, em Suzano (SP) aterrorizou a opinião pública do país.

1 Trabalho apresentado na II 1 Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

2 Recém-graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), e-mail: thamara.machado29@gmail.com.

Por se tratar de acontecimentos que atingiram o imaginário social do país, os meios de comunicação reportaram as tragédias em diversos veículos. No entanto, o tratamento da mídia para com os eventos trágicos levantou a reflexão acerca da ética e compromisso com a informação.

Posto isso, este artigo visa analisar a abordagem destas tragédias pelo maior telejornal do Brasil, o Jornal Nacional, tendo como foco suas escaladas. Sob a ótica de tragédia presente na “Poética” de Aristóteles, também busca-se compreender a exploração do trágico por meio dos conceitos de valor notícia e noticiabilidade. Para alcançar estes objetivos, adotou-se a análise do discurso como ferramenta para uma compreensão mais ampla acerca do sentido existente nas falas dos apresentadores do telejornal.

Conceito de tragédia

No dito popular, a palavra “tragédia” é compreendida como uma situação da vida real, portanto palpável, que aconteceu ou acontecerá trazendo como resultado um aspecto negativo da existência humana (mortes, acidentes e catástrofes). Ainda depreende-se do significado do vocábulo que tal situação ocorre de maneira inesperada e dramática, produzindo um efeito de forte emoção, choque e medo no sujeito que a vivencia e ou a observa, como aponta Martins (2009):

(...)é um infortúnio, que impressiona os indivíduos – independente do número de pessoas atingidas ou das proporções provocadas –, costuma-se dar o nome de tragédia. acontecimento imprevisto e irreversível que transforma nossas vidas através do sofrimento. É um momento de espanto!. (MARTINS, 2009, p.2)

Há também o uso da expressão “tragédia grega” para designar de maneira figurativa e exagerada um fato ou pessoa que carrega em si uma característica de sofrimento extremo. E não é a toa que o termo é vinculado ao grego, isso porque, etimologicamente, a palavra remete a um gênero teatral da Grécia Antiga em que figuram personagens ilustres ou heroicos provocando o terror e a piedade em seus espectadores.

Um dos primeiros filósofos a estudar a tragédia foi Aristóteles em sua obra “Poética” há cerca de 322 A.C. Segundo Aristóteles (1993, p. 37) a tragédia age como

“imitação de uma ação de caráter elevado(...)suscitando o terror e a piedade, tendo por efeito a purificação dessas emoções”. Ainda de acordo com o autor, essa carga emotiva de terror e comisseração tem como objetivo final a catarse.

Conforme Aristóteles (1993), os efeitos catárticos dos espetáculos de tragédia liberam a carga passional e emotiva dos espectadores, redimindo-os de seus próprios medos e angústias. No entanto, o autor adverte que a catarse é própria da obra de arte, já que é derivada de sentimentos do autor por meio da encenação dramática, e não de uma tragédia da vida real.

Uma vez que a mídia trabalha com a representação do real, por meio de seus veículos (jornais impressos, rádio e televisão), e filtra a realidade através de seus produtos, pode-se inferir que há uma concepção pré estabelecida do real a ser destinada aos sujeitos consumidores.

Dessa forma, ao abordar a tragédia, aqui entendida como uma ocorrência da vida real, o jornalismo age de modo intencional e seletivo na disseminação de “relatos de delitos, tragédias, histórias fantásticas, catástrofes e desastres, que o povo da rua considera excitante”(MARTINS, 2009, p.4).

A tragédia no jornalismo: quanto vale o trágico?

Seja por uma deliberação já concebida, ou por uma demanda do público a respeito de eventos trágicos, o fato é: tragédias são acontecimentos intrínsecos a vida humana. Mas o que faz o jornalismo ter um olhar especial para elas? Quais critérios são utilizados para definir qual fato trágico será notícia?.

A rigor, a definição por parte dos profissionais de mídia a respeito do que será ou não notícia, parte de um princípio de seleção e exclusão de um fato. Isso implica dizer que durante a produção de um material noticioso se ressalta ou desconsidera aspectos da realidade a serem transmitidos. Para Costa (1999) isto dependerá da “subjetividade do profissional, seu domínio do tema e a sua capacidade de reelaboração do fato” (COSTA,1999, p.136).

Tal perspectiva é reafirmada por Pierre Bordieu em “Sobre a Televisão” em que o autor considera que os jornalistas possuem uma espécie de óculos especiais ao enxergar o mundo de uma maneira específica. Para Bordieu (2005) há, nesse sentido,

uma construção do que é selecionado tendo como princípio a “(...) busca do sensacional, do espetacular” (BORDIEU, 2005,p.25).

Portanto, infere-se que os fatos informados ao público recebem um tratamento que evidencia ou exclui determinados aspectos do real por meio de uma visão particular do jornalista, em suas subjetividades, a respeito dos acontecimentos. No entanto, de maneira técnica e objetiva, essa escolha no jornalismo é definida com base nos critérios de noticiabilidade e valor notícia.

Para Traquina (2005) a noticiabilidade é entendida como um conjunto de “(...)valores notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível a se tornar notícia, isto é, de ser julgado merecedor de ser transformado em matéria noticiável e , por isso, possuindo valor como notícia”(TRAQUINA, 2005, p.63).

Os critérios e apitidões de noticiabilidade, ou seja, o grau de valor que um fato possui merecendo este receber um tratamento jornalístico, são definidos pelo valor notícia. Os valores notícia estão presentes ao longo de todo o processo jornalístico, desde a seleção e apuração dos acontecimentos à produção do material noticioso.

Contudo, existem algumas qualidades inerentes e duradores que transformam a notícia valorosa sob o ponto de vista comercial , tais como a presença do “extraordinário, insólito, o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte”(TRAQUINA, 2005, p.63).

A característica negativa que possui um fato é entendida como um valor notícia de relevo, isso porque, elas são “ mais inesperadas do que as positivas, tanto no sentido de que os acontecimentos referidos são mais raros, como no sentido de que são menos previsíveis”(TRAQUINA,2005, p.73).

Nesse sentido, o quesito morte se estabelece como principal valor notícia, já que segundo Traquina(2005, p.78), “onde há morte, há jornalistas”. Este aspecto pode ter seu valor elevado de acordo com a quantidade de mortos, visto que o acontecimento tende a possuir uma maior notabilidade. Assim, a existência de mortes no fato noticiado torna-se um critério chave de valor notícia.

Igualmente relevante, o valor notícia da notoriedade incide também na temática da morte, porque evidencia a presença de um indivíduo de maior destaque social no ocorrido. E isso acontece principalmente, de acordo com Traquina(2005), se disser respeito às pessoas da elite. Vale ressaltar que a notoriedade diz respeito ainda a

vulnerabilidade que este grupo de pessoas possui na sociedade, como por exemplo, jovens, idosos e crianças.

Outro parâmetro considerado como valor notícia é a proximidade em termos geográficos e culturais de um acontecimento. É comum que se dê mais atenção por parte do jornalismo a um evento dentro do território do espectador, devido à maneira significativa que o fato possui em afetar o cotidiano dos indivíduos. Neste segmento, o caráter de visualidade também é definido como valor notícia. A existência de boas imagens que sejam capazes de ilustrar um fato extraordinário é preponderante para sua seleção como notícia.

Seja por meio de veículos impressos e ou audiovisuais, a possibilidade de um acontecimento ter relevância no jornalismo é igualmente proporcional à quantidade de valor notícia que ele engloba. Isto significa dizer que quanto mais critérios de notoriedade, negatividade, proximidade e visualidade maior é a chance deste acontecimento estampar as capas de jornais e a televisão.

Por abranger todos esses valores notícia, os fatos trágicos são temática constante nas reportagens e produtos jornalísticos. Somado a isso, as tragédias na contemporaneidade geralmente apresentam consigo imagens fortes e carga dramática significativa que tem como resultado o impacto emocional e o interesse humano no que há de mais relevante, a morte.

Este altíssimo grau de noticiabilidade e, conseqüentemente, de valor comercial que as tragédias possuem no campo jornalístico, segundo Traquina (2005), ajudam na compreensão da presença dominante dos relatos dramáticos e trágicos na televisão.

Televisão: o palco do trágico

A característica imagética da televisão a insere como o principal veículo de exibição do trágico, e isto leva-nos ao entendimento de Guy Debord(2005) acerca da conexão entre imagens e relações sociais. Em “Sociedade do Espetáculo”, Debord(2005) considera que as relações humanas, sobretudo na modernidade, são mediatizadas por imagens, o que implica em um afastamento entre indivíduos.

Desta relação social segundo o autor, é que provém o espetáculo. Isso, de modo que o espetáculo torna-se carregado de ideologia “(..) porque expõe e manifesta na sua

plenitude a essência de qualquer sistema ideológico: o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real” (DEBORD,2005,p. 151).

Para Debord (2005), devido à carga ideológica e à ligação com o sistema de produção capitalista, o espetáculo tem na imagem sua principal ferramenta. Nesse sentido, conforme o autor, isso faz da televisão o veículo mais adequado para a exibição do espetacular.

A característica do espetáculo televisivo pode conter carga negativa ou positiva, porém, o autor Pierre Bourdieu (2005) afirma que na televisão, o que predomina é uma estética dramática dos fatos à medida que ela “(...) põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático e o trágico”(BORDIEU,2005, p. 26). Mediante isso, observa-se que:

Os espetáculos de sofrimento, morte, catástrofes e violência têm presença marcante nos telejornais. Atuais, ainda que repetitivos, habitam excessivamente noticiários, o que em nossa opinião fala mais do que uma questão de banalização. O excesso de violência na mídia deve-se ao fato não só de ela já fazer parte de um de seus agendamentos, mas porque constitui um dos temas que mais interessam ao espectador (ROSA, 2016,p.148 apud SZPACENKOPF, 2003, p. 253).

Ao reportar eventos trágicos, o telejornalismo em sua busca incessante pelo aspecto espetacular da tragédia adota uma peredileção por imagens que representem o extraordinário e o choque com o objetivo implícito de atrair os olhos do espectador. Para Ferrés(1996) a atração do público pelo trágico no telejornalismo se justifica porque:

As desgraças, as catástrofes, os acidentes, os atentados, as mortes, as lutas, as ameaças, ativam justamente a dimensão interna mais reprimida, a mais negada social e pessoalmente, a do mal que existe no interior de cada pessoa, sempre em conflito com o bem (FERRÉS, 1996, p. 171).

Depreende-se que o público consome o trágico na TV de modo a se sentir aliviado de seu próprio cotidiano e redimido de seus próprios conflitos, por isso a comoção. Além disso, existe uma espécie de alívio mórbido por poder se ver fora do espetáculo, em casa, sem estar diretamente envolvido com o acontecimento trágico.

Sob esta ótica, pressupõe-se que há uma via de mão dupla nesta relação entre consumidor e produtor do espetáculo do trágico na televisão. Contudo, Bordieu (2005)

alerta que o tratamento e seleção utilizados ao reportar tais acontecimentos, podem ocasionar pulsões e paixões elementares no espectador, o que revela um dos aspectos negativos da espetacularização do trágico.

Neste sentido, o autor ainda destaca a importância das escolhas linguísticas empregadas na televisão que, paradoxalmente, é também um espaço dominado por palavras. Ao ligar determinado vocábulo a um fato, cria-se automaticamente um juízo de valor e sentido no discurso que se quer transmitir, já que “(...) nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, é levar a existência” (BORDIEU,2005,p.26).

A abordagem do trágico no telejornalismo, de acordo com Costa (1999) atua por meio de repetições e recortes narrativos e imagéticos no sentido de naturalizar uma versão dominante e conduzir a uma compreensão média dos fatos. Para ele, a forma repetitiva com que se noticiam as tragédias, em diversos canais, torna o receptor incapaz de “(...)sensibilizar em relação ao trágico, à miséria, à dor e amortiza a indignação e age no sentido de sua banalização”(COSTA,1999,p.124).

A impossibilidade de uma reflexão acerca dos fatos noticiados, devido ao tratamento reducionista das tragédias na televisão, é ocasionada, principalmente, pelo fator tempo de exibição. Além, é claro, pela busca da atenção do público-receptor às notícias não importando se os procedimentos técnicos e narrativos comprometem a ética e o humanismo.

Essa estratégia, entendida aqui como uma espécie de venda do trágico, é perceptível nas chamadas e escaladas dos telejornais em que se apresentam um verdadeiro cardápio de notícias. Para Costa(1999) esta prática, sustentada na objetividade jornalística, “contribui para conceber os fatos numa dimensão afirmativa (...) e fundamenta-se na concepção da ciência positiva da não-contradição”

Desta maneira, considera-se que as escaladas no telejornalismo representam um formato expresso e objetivo, portanto sem espaço para a contradição e reflexão, de reportar os acontecimentos de maior valor notícia. Em se tratando de eventos trágicos é somado a esta lógica uma dramatização e espetacularização dos fatos.

Expurgo da imagem e palavra : análise das escaladas do Jornal Nacional

Antes da apresentação dos resultados obtidos nas análises das escaladas do Jornal Nacional, que reportaram as tragédias de Brumadinho(MG), incêndio do CT do

Flamengo no Rio de Janeiro e o ataque a escola em Suzano (SP), é necessário que se façam breves considerações à respeito da metodologia e o objeto de estudo elencados neste artigo.

Para buscar o entendimento acerca do sentido do discurso, presente nas falas dos apresentadores do Jornal Nacional nas escaladas sobre os eventos trágicos, aderiu-se a metodologia da análise do discurso já que, segundo Caregnato(2006), este processo de análise tem a pretensão de:

(...) interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação, podendo ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas), imagens e linguagens corporais.(CAREGNATO,2006, p.680).

Ainda nesta perspectiva, Caregnato (2006) salienta que o sentido do discurso se dá de maneira produzida, implicando em questões como ideologia, história e linguagem. Dessa maneira, segundo a autora, o posicionamento do sujeito quando professa o ato do discurso está, inconscientemente, ligado ao sistema de ideias e ao contexto socio-histórico no qual ele está inserido, sendo a materialidade do texto a peça chave para gerar pistas do que o sujeito pretende com a comunicação, seja ela verbal e ou corporal.

Isto posto, ao analisar o sentido do discurso do objeto Jornal Nacional, se elencará algumas categorias que possam dar norte ao entendimento da fala dos apresentadores ao noticiar os eventos trágicos ocorridos nos três primeiros meses do ano no Brasil, tais como: dramaticidade, quantificação de mortes, revolta e pesar. Além do mais, também se levará em conta a entonação e linguagem corporal exercida durante o ato da fala.

Vale ressaltar que a escolha deste objeto específico, o Jornal Nacional, se deu devido à relevância do telejornal em relação aos índices de audiência no país e quantidade de tempo no ar que, neste caso, já ultrapassa a marca de 40 anos de exibição. Outro fator importante a ser considerado são as mudanças estéticas ocorridas nos últimos 10 anos no programa, como o uso de câmeras com maior mobilidade e linguagem mais informal.

Um outro elemento importante ao considerar esta análise do Jornal Nacional, são as características estéticas da escalada do programa. O primeiro traço marcante é a trilha sonora em tom de alerta que acompanha a fala dos apresentadores. Há de se destacar

também o tom de voz predominantemente firme e com pausas estratégicas para narrar as notícias do dia, assim como a ordem das informações dando prioridade para os acontecimentos de maior valor notícia.

O primeiro evento trágico noticiado ocorreu no dia 25 de Janeiro na cidade de Brumadinho (MG). Um complexo da barragem de rejeitos de minério de ferro da mineradora Vale se rompeu inundando a cidade com lama, destruição e mortes. No dia específico, o Jornal Nacional dedicou 01 minuto e 02 segundos de escalada para noticiar os fatos.

Escalada Jornal Nacional 25/01 – Rompimento da barragem de Brumadinho(MG)
pontos Ibope: 28,8 (Kantar Ibope Media, 2019)

Renata Vasconcelos: A memória de uma tragédia ressurge em Minas Gerais três anos e doze semanas depois do mar de lama de Mariana.

Willian Bonner: Na região metropolitana de Belo Horizonte, o vazamento em sequência de três barragens de rejeitos de minério de ferro da Vale provoca outro desastre.

Renata Vasconcelos: Hospitais de pronto-socorro atendem os primeiros feridos resgatados na região.

Willian Bonner: Mas a informação de que havia funcionários da empresa na área soterrada põe famílias em suspense.

Renata Vasconcelos: Bombeiros falam na possibilidade de mais de trezentos desaparecidos.

Willian Bonner: O prefeito de Brumadinho diz que 7 corpos foram encontrados.

Renata Vasconcelos: O presidente da Vale diz que a tragédia humana deve ser muito maior do que Mariana, e que morreram dezenove pessoas.

Willian Bonner: O Governo Federal anuncia a criação de gabinete de crise para reunir informações sobre o desastre.

Na primeira fala da jornalista Renata Vasconcelos nota-se um tom sereno e saudoso ao proferir a palavra “memória” que logo é interrompida por uma ênfase dramática e revoltosa na palavra “tragédia”, proferida de maneira pausada. A quebra de tom, dá o ar de espetacular e urgência do assunto a ser tratado que é seguido por imagens aéreas da área atingida pela lama em Brumadinho.

Outra curva observada no tom do discurso é o uso da expressão “famílias em suspense” dita por Willian Bonner. Nesse momento a fala é firme, porém a expressão tanto corporal quanto verbal do apresentador denota alarme e excitação. Em seguida, ao relatar o número de desaparecidos, Renata tem um tom ameno e pesaroso que novamente é interrompido por uma ênfase grosseira em “trezentos”. Nesse sentido, há também uma ênfase pausada quando se trata da quantificação de mortes, observada nas frases “7 corpos” e “dezenove pessoas”.

Escalada Jornal Nacional 08/02 – Incêndio no Centro de Treinamento do Flamengo.
Pontos Ibope: 27,4 (Kantar Ibope Media, 2019).

Em 8 de Fevereiro deste ano a escalada do Jornal Nacional dedicou 1 minuto e 5 segundos para abordar um incêndio no centro de treinamento de jogadores da base júnior do Flamengo no Rio de Janeiro. O sinistro teve como vítimas 10 jovens que dormiam durante o alastrar das chamas.

Renata Vasconcelos: Um incêndio mata 10 adolescentes das categorias de base do Flamengo.

Rodrigo Bocardi: As vítimas dormiam no alojamento dos atletas quando as chamas começaram.

Renata Vasconcelos: O fogo foi no centro de treinamento conhecido como ninho do urubu na zona oeste do Rio.

Rodrigo Bocardi: Três adolescentes estão hospitalizados.

Renata Vasconcelos: Nossos reporteres mostram quem eram os jovens que perderam as vidas no início de carreiras promissoras no futebol.

Rodrigo Bocardi: As investigações das autoridades.

Renata Vasconcelos: E como o luto tomou o Brasil e o mundo do esporte.

Rodrigo Bocardi: Vários clubes do e jogadores de todo o planeta manifestaram solidariedade às vítimas.

A característica discursiva de quantificação de mortes aparece logo na primeira frase da escalada que narra o incêndio no CT do Flamengo. Ela é dita de maneira pausada e carrega ênfase dramática em “mata”. Sobre as condições do ocorrido denota-se em “dormiam” um tom e linguagem corporal de Bocardi que representam pesar e drama. Logo após, de maneira delicada, pausada e pesarosa Renata dá ênfase a “carreiras

promissoras” que é acompanhada por uma sequência de imagens dos jovens que morreram no incêndio.

Mais uma marca presente na escalada sobre o incêndio do CT do Flamengo foram as falas que dimensionavam o ocorrido, dando um ar de evento catastrófico e sem precedentes. Este fator foi observado quando Renata diz a palavra “luto” seguida por gestos de afirmação em tom firme e pesados e a expressão “tomou o Brasil”. Bocardi também segue a mesma linha de ênfase de Renata, ao expressar que os jogadores de “todo o planeta” se solidarizam com o incêndio.

Escalada Jornal Nacional 13/03 – Ataque a escola de Suzano (SP). Pontos Ibope: 25,8 (Kantar Ibope Media, 2019).

Um ataque a tiros na escola Professor Raul Brasil em Suzano (SP) e que teve como resultado a morte de 7 pessoas, no mês de Março deste ano, foi noticiado pelo Jornal Nacional em uma escalada de 41 segundos.

Wiliam Bonner: A covardia de dois assassinos enoja todo país.

Renata Vasconcelos: Depois de matarem a tiros o tio de um deles, invadem uma escola na grande São Paulo para atacarem alunos e funcionários.

Wiliam Bonner: Atiram a esmo contra estudantes desprotegidos.

Renata Vasconcelos: Usam um machado contra os que tentaram fugir.

Wiliam Bonner: E se matam depois de um banho de sangue.

O primeiro apontamento acerca desta escalada é que, diferentemente da abordagem dos outros eventos trágicos, está se deu de maneira mais imagética. Um fato importante a ser analisado, já que as imagens do ataque à tiros na escola de Suzano(SP) eram de caráter extremamente violento. E percebeu-se que o discurso dos apresentadores também seguiu nessa perspectiva com o uso de palavras duras e agressivas.

De início, Bonner usa um tom e uma expressão facial revoltosa ao dar enfoque na palavra “covardia” que logo é seguida por uma pausa dramática e carregada de linguagem corporal e repulsa em “enoja”. Nota -se que o uso da palavra enojar, incomum em escaladas do telejornalismo do Jornal Nacional foi, neste contexto,

devidamente planejada para causar impacto negativo e ao mesmo tempo espetacularizar a ocorrência na escola de Suzano perante o telespectador.

Na continuação da escalada, o tom de revolta, espanto e drama continuam presentes na fala de Renata com a ênfase de “mataram” e “atacarem”, ambas de maneira pausada. A expressão “a esmo”, contida na fala de Bonner, segue com ares de revolta e repulsa que só é modificada no uso de “desprotegidos”, ao se referir aos estudantes que sofreram os ataques, que é dita de modo pausado e ameno.

Em contrapartida, a fala em sequência de Renata Vasconcelos carrega novamente o tom duro do início da escalada. De forma dramática e revoltosa, a apresentadora diz a palavra “machado” pausadamente, quase que soletrando. O enfoque em “machado”, somado às imagens brutais da ação dos atiradores na escola, revelam que o tratamento dado a esta notícia foi estrategicamente pensado para causar horror e dramaticidade ao telespectador. Prova disso foi ao final, com o uso da expressão “banho de sangue” por Wilian Bonner.

Em geral, as análises dos discursos contidos nas escaladas do Jornal Nacional a respeito dos acontecimentos trágicos de Brumadinho (MG), do CT do Flamengo e de Suzano(SP) possuem uma característica em comum, que é provocar no telespectador sentimentos como: choque, drama e horror diante o extraordinário, isto é, da tragédia.

Seja pela a duração esmagadora do tempo para noticiar um fato, ou pelo intuito de prender a atenção de quem assiste, o caso é que as escaladas do Jornal Nacional, sobretudo na cobertura de tragédias, funcionam como uma espécie de termômetro emocional do que será a edição, bem como do que se pretende alcançar com o tom adotado, o que na maioria das vezes se reflete em pontos de audiência.

Além disso, as escolhas estratégicas de palavras também dizem muito quanto ao sentido do discurso das escaladas analisadas. Usos de vocábulos como “morte”, “morreram” “mataram” e principalmente a designação do fato enquanto tragédia provocam os sentidos e a imaginação do espectador, levando a espetacularização ao trágico.

O conjunto linguístico cheio de adjetivos usados nas escaladas, se somam a pausas, ênfases e tons empregados durante os discursos causando, igualmente, o efeito espetacular e dramático da tragédia no telejornalismo do Jornal Nacional. Nesse sentido, outro elemento determinante para a dramatização dos fatos é a demarcação espacial das tragédias no uso das expressões : “O Brasil todo”, “O mundo”, “Todo o planeta” e “ O

país”. Além de chamar a atenção do espectador para algo que ele deve se ater, este artifício, também dá a dimensão que se quer dar da situação trágica noticiada.

Um outro ponto que demanda atenção na análise do discurso das escaladas do Jornal Nacional, é a ausência de falas que possam dar pistas ao telespectador sobre os motivos e responsabilidades civis e ou governamentais diante do ocorrido trágico, como foi o caso dos acontecimentos analisados. Este discurso, aparentemente apolítico, leva a crer que a intenção é a venda do espetáculo trágico por si só e não o entendimento de questões de interesse público.

Seja pela falta ou excesso, o expurgo verbal e visual - aqui entendido como uma maneira de colocar para fora algo com conotação negativa- existente nas escaladas analisadas, pode ser interpretado em duas vias. A primeira diz respeito ao próprio entendimento aristotélico da palavra “tragédia” e sua purgação de emoções perante um público ávido pelo trágico. A segunda, denota o apelo comercial por parte dos monopólios de comunicação pela venda do espetáculo da tragédia.

A partir das análises deste estudo, o cerne da questão que se estabelece é o tratamento jornalístico imprudente das tragédias, bem como a falta de reflexão acerca da contextualização dos fatos trágicos e sua devida punição. E tudo isso em detrimento da dignidade humana e da responsabilidade social do comunicador.

Considerações finais

A ruptura do cotidiano por meio de calamidades e eventos dramáticos não é uma situação inerente apenas ao contexto pós moderno. Viu-se que a temática do trágico está presente desde os tempos helenísticos da Grécia Antiga. Vista como uma maneira de purgação das emoções, a tragédia em seu conceito estético oferece a seus espectadores um momento de catarse.

Devido ao bombardeio de informações na contemporaneidade, a tragédia se constitui como um evento cada vez mais frequente no dia a dia do indivíduo. Têm-se como senso comum o entendimento de que vivemos tempos difíceis. Este argumento pode ser justificado por uma questão conjuntural da crise do sistema capitalista e seus meios de produção.

No entanto, o que se pode afirmar diante deste estudo é que de fato os meios de comunicação, sobretudo a televisão, contribuem para a valorização do espetáculo

trágico. Por conta de sua noticiabilidade e valor notícia a tragédia rende ao jornalismo maior audiência com desdobramentos dramáticos e atualizações diárias dos números de mortes em tragédias.

E na televisão a lógica comercial continua sendo a mesma, com um diferencial apenas: o apoio narrativo das imagens chocantes. O espetáculo do trágico no telejornalismo, ainda ganha contornos mais mórbidos à medida que as imagens dramáticas são acompanhadas pela fala e o tom adotados milimetricamente a fim de provocar uma verdadeira catarse em quem assiste.

A linguagem carregada de significações e tonalidades das escaladas analisadas, dão o entendimento de que elas serviram como um guia emocional do que seria a edição, bem como o próprio julgamento do evento trágico enquanto algo extraordinário.

Sabe-se que em consequência do próprio formato das escaladas, o tempo de narração do fato é reduzido, e por isso há a escolha por palavras, expressões e tonalidades que possam impressionar o telespectador. No entanto, o que se critica aqui é a linha tênue entre transmitir o fato trágico e a sutileza violenta em que ele é dito.

Ademais, diante de um crime ambiental, de um incêndio culposo e um ataque a tiros provocado pela cultura da violência, não se viu uma frase sequer que tenha dado referência às responsabilizações pelos eventos trágicos. Ainda que a noticição dos fatos tenha sido instantânea aos acontecimentos, é de se esperar que o jornalismo, cumprindo seu papel de serviço público, ao menos indique as implicações socio-políticas da ocorrência de tais tragédias.

A falta de reflexões conjunturais sobre os crimes ocorridos em Brumadinho(MG),no CT do Flamengo e em Suzano(SP) contribuem para a inserção das tragédias enquanto eventos naturalizados tendo como resultado uma

(...) sequência de acontecimentos que surgidos sem explicação, desaparecerão sem solução(..)e assim, despojados de toda a necessidade política, podem apenas, no melhor dos casos, suscitar um vago interesse humanitário. Esse vazio político contribui para encorajar, sobretudo nos menos politizados, um desengajamento fatalista evidentemente favorável a manutenção da ordem estabelecida (BORDIEU, 2005, p.142).

Se por um lado existe a apolitização das tragédias no jornalismo, por outro a demanda do público pelo trágico como válvula de emoções e catarse. No entanto, generalizar o campo jornalístico como um mero espetáculo do trágico e o espectador

enquanto sujeito passivo, reduz o debate acerca da luta por uma comunicação mais assertiva e comprometida com valores democráticos.

Portanto, não se trata de reforçar a ideia de um jornalismo manipulador, sensacionalista e que busca a audiência acima de tudo, personificando o mal da sociedade. Mas sim, de repreender e refletir acerca da abordagem jornalística de exploração do trágico imposta pela lógica de mercado do capitalismo tardio.

Desta maneira, é possível traçar uma ideia de comunicação mais emancipatória contribuindo, igualmente à arte teatral das tragédias gregas, para um desfecho em que os responsáveis pelas tragédias sofram punição. Isso porque, o exercício do jornalismo não se limita apenas ao factual, mas na compreensão e cobrança por explicações dos fatos.

Referências:

ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. São Paulo: ArsPoetica, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 6 ed. 2005.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.

COSTA, Belarmino Cesar Guimarães. **Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos**. Campinas. 1999.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar: socialização mediante comunicações inadvertidas**. Porto Alegre: Edições Médicas Sul Ltda, 1996.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Audiência TV 15 Mercados**. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-tv-15-mercados/>. Acesso em: 07 abril. 2019.

MARTINS, Maura. **A perda da essência trágica na cobertura jornalística da queda do voo AF 447**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Comunicação–Curitiba, Intercom. 2009.

ROSA, Émelle Veleda. **Retratos de uma tragédia: uma análise das imagens do Jornal Hoje sobre a tragédia da Kiss**. Trama: indústria criativa em revista ISSN 2447-7516, v. 2, n. 1, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.